

**Do Mediterrâneo aos Mares do Sul:
Heróis Navegantes na Poesia de Eugénio de Andrade¹**

João de Mancelos

(Fundação para a Ciência e a Tecnologia / Universidade Católica Portuguesa, Viseu)

“A coward dies a thousand deaths, but the valiant tastes death but once”.
William Shakespeare, *Julius Caesar* (1.2.32), 1599.

Palavras-chave: Eugénio de Andrade, Herman Melville, intertextualidade, heróis, oceano

Keywords: Eugénio de Andrade, Herman Melville, intertextuality, heroes, ocean

1. Circum-navegando o mito

O antropólogo Claude Lévi-Strauss argumentou, em *Du Miel aux Cendres* (1966), que a terra dos mitos é *circular* (Lévi-Strauss, 1966: 7). Esta metáfora pressupõe que, mesmo em culturas distantes no espaço e no tempo, existam notáveis semelhanças no enredo das lendas e dos heróis que as protagonizam. Comprovadamente, ao longo dos séculos, os mitos não se extinguíram, mas antes se reciclaram, adaptando-se sem, contudo, perderem a essência. Tal fenómeno é visível na nossa era: o Super-Homem da banda desenhada é um descendente de Hércules, o herói que prima pela força e coragem; ao passo que uma *top model* que desfila por uma *passerelle* de Paris, e surge glorificada na imprensa da moda, é a versão atual de Vénus, deusa da beleza e do amor (Jabouille, 1986: 15).

Neste círculo mítico, Ulisses, protagonista da *Odisseia* (séc. VIII a.C.) homérica, Ahab, o destemido capitão do romance de aventuras *Moby Dick* (1851), de Herman Melville — por vezes descrito como o Ulisses norte-americano (Blanchot, 2003: 8) — ou os pescadores do litoral português constituem exemplos do herói navegante. Em comum, apresentam o perfil de homens corajosos que, com uma determinação férrea, enfrentam nas ondas a vida e a morte.

Na antiguidade greco-latina ou na época contemporânea, cabe aos escritores recriarem os mitos, dando sentido não apenas ao passado, mas também ao futuro da comunidade (Jesi, 1977: 16). Poucos autores contemporâneos souberam apropriar-se dos mitos com a mesma erudição e arte de Eugénio de Andrade. O rumor das vozes antigas escuta-

¹ Mancelos, João de. “Do Mediterrâneo aos mares do sul: Heróis navegantes na poesia de Eugénio de Andrade”. *Mitos e heróis: A expressão do imaginário*. Orgs. Ana Paula Pinto, José Amadeu Carvalho da Silva, Maria José Lopes, e Miguel António Gonçalves. Braga: Aletheia/Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP Braga, 2012. 463-472. ISBN: 978-972-697-204-4

se na sua poesia, que não é epígona porque, mesmo quando imita, *renova*. Neste breve estudo, tomando como ponto de partida a sua obra, interessa-me detetar e analisar as referências intertextuais endoliterárias aos protagonistas que mencionei. Procuo responder a várias questões: a) Que apresentam em comum heróis do mar como Ulisses ou Ahab? b) Como concretizam estas figuras os arquétipos junguianos do herói e da jornada? c) Quem procura Eugénio nestes heróis navegantes?

Para escorar a minha análise, recorro à obra de Eugénio de Andrade (à poesia e aos livros de crónicas *Os Afluentes do Silêncio*, *Rosto Precário*, *À Sombra da Memória*); aos textos *Odisseia*, de Homero, e *Moby Dick*, de Melville; e ao trabalho de especialistas reputados na área da mitologia.

2. Como se concebe um herói?

Ao longo de dezenas de anos, os antropólogos têm debatido o conceito de herói — mais complexo do que a imagem popular, redutora, fixou. Debruçaram-se sobre essa questão Fitzroy Raglan, Johann von Hahn, Joseph Campbell ou Jan De Vries, estudando lendas europeias e ameríndias. As diferenças entre os padrões encontrados por cada um dos investigadores são submersas pelas similitudes, das quais destaco: a) O herói possui uma linhagem nobre ou divina; b) Afasta-se da terra-natal, atendendo a uma chamada para a aventura; c) Realiza feitos extraordinários, ao enfrentar os elementos da natureza (as tempestades na *Odisseia*, por exemplo), ou adversários monstruosos (os Ciclopes para Ulisses, ou a baleia branca Moby Dick para Ahab); d) Regressa vitorioso à terra de origem; e) Por vezes, sofre uma morte jovem, terrível ou sacrificial, que contribui para a sua mitificação (Raglan, 1975: 174; Campbell, 2008: 211; De Vries, 1988: 183).

Essas jornadas originam uma dupla mudança: por um lado, proporcionam uma *autodescoberta* e uma tomada de consciência dos poderes do indivíduo; por outro, possibilitam o *reconhecimento* público da personagem como herói. Elevando-o ao plano lendário, os poetas cantam os seus feitos de geração em geração (De Vries, 1988: 180).

Segundo Joseph Campbell, tanto a mitologia como as narrativas modernas recorrem a arquétipos: figuras, situações e símbolos recorrentes, protótipos inatos e universais, que expressam o nosso inconsciente coletivo (Campbell, 2008: 13). Realço dois arquétipos, tal como definidos pelo psiquiatra Carl Gustav Jung, que se entrelaçam: o herói (figura corajosa) e a jornada iniciática, onde o protagonista demonstra o seu valor, ao ultrapassar testes diversos (Jung, 1990: 180). Sem essa viagem perigosa, não existiria herói; sem o sofrimento, não

haveria lugar à glorificação.

3. “Com Ulisses à proa”

Na obra de Eugénio de Andrade, espriam-se alusões ao universo oceânico e aos seus protagonistas, como se nas veias do poeta corresse o sal marítimo. Carlos Mendes de Sousa realça que, na poesia deste autor, o mar emerge como sinónimo de movimento, viagem e aventura (Sousa, 1992: 104). O Mediterrâneo, em particular, banha numerosos poemas da sua obra, uma influência que Eugénio gratamente assume: “É conhecido o meu interesse desde muito jovem pela cultura grega. Hesíodo, Ésquilo, Homero, Safo, os pré-socráticos, são fontes onde muitas vezes matei a sede” (Andrade, 1995: 81). As leituras autodidatas e as traduções que fez da escritora da cidade de Mitilene, proporcionaram a Eugénio uma bagagem cultural que ressoa na sua poesia, sobretudo ao nível dos temas e das personagens míticas invocadas. Também a forma dos seus textos — fragmentários, quase lapidares —, é devedora ao rigor dos poetas clássicos diletos. É toda uma “limpeza mediterrânica” (Andrade, 1995: 81), onde pontifica um léxico ligado à paisagem e à arquitetura do *mare nostrum*: ilha, cal, oliveiras, luz, sol, e os nomes de vários heróis navegantes.

“Com Ulisses à proa, quem não gostaria / de correr os mares?” (Andrade, 2005: 534), pergunta Eugénio num dos onze poemas onde este aventureiro e alguns protagonistas da *Iliada* (séc. VIII a.C.) surgem mencionados (Andrade, 2005: 145, 222, 431, 439, 468, 472, 534, 534-535). A maioria dessas referências é passageira e serve sobretudo para contrapor um passado glorioso a um presente fútil, que sobrevive das receitas turísticas (Andrade, 2005: 222, 430-432). No entanto, noutros poemas, a admiração pelo navegador da *Odisseia* (séc. VIII a.C.) e pelos companheiros revela-se nestes termos, raros na obra eugeniana, mais inclinada para a lírica que para a épica: “homens / que se batiam como quem encontra / voluptuosa a própria morte” (Andrade, 2005: 534). É um elogio à coragem dos heróis que rumam ao perigo; porém, o adjetivo “voluptuosa”, aqui estranho, permite uma segunda leitura, no contexto do amor, sugerindo que também nas relações humanas a audácia é uma qualidade fundamental.

Esta duplicidade é recorrente: o poeta relewa os feitos dos navegadores, mas também a sua face romântica — mais frágil, não menos bela. Um dos momentos da *Odisseia* que Eugénio mais vezes menciona é o encontro entre Ulisses e Nausícaa que, no canto VI, esse navegador compara a uma palmeira de rara beleza:

Nunca com os olhos vi outra criatura mortal como tu,
homem ou mulher: é reverência o que sinto quando olho para ti.

Outrora vi junto do altar de Apolo em Delos
o novo rebento de uma palmeira que se erguia no ar
.....
igualmente ao ver a palmeira se me alegrou o coração,
porque nunca vira a sair da terra uma árvore semelhante.
(Homero, 2008: 110-111)

Influenciado por este passo, na delicada composição “A Palmeira Jovem” (Andrade, 2005: 143), Eugénio afirma:

Como a palmeira jovem
que Ulisses viu em Delos, assim

esbelto era o dia
em que te encontrei;

assim esbelta era a noite
em que te despi,

e como um potro na planície nua
em ti entrei.
(Andrade, 2005: 145)

O encontro entre Ulisses e Nausícaa serve apenas de pretexto para enaltecer uma outra ligação, entre o poeta e a pessoa amada que, como afirma Helena da Rocha Pereira, culmina com “toda a violência do desejo” (Pereira, 2005: 270). Implicitamente, o sujeito poético assume-se como uma espécie de novo Ulisses, navegando as águas perigosas e belas do amor, ao encontro do outro.

Este episódio da *Odisséia* ressurge, anos mais tarde, no poema “Passeio Alegre”, incluído em *Rente ao Dizer* (1992), um dos livros de Eugénio mais rico em influências intertextuais:

Chegaram tarde à minha vida
as palmeiras. Em Marraquexe vi uma
que Ulisses teria comparado
a Nausícaa, mas só
no jardim do Passeio Alegre
comecei a amá-las. São altas
como os marinheiros de Homero.
Diante do mar desafiam os ventos
vindos do norte e do sul,
do leste e do oeste,
para as dobrar pela cintura.
Invulneráveis — assim nuas.
(Andrade, 2005: 468)

A beleza esguia e feminina de Nausícaa é subtilmente transposta para os marinheiros de Ulisses, constituindo um dos numerosos exemplos do panegírico do corpo masculino na obra eugeniana. Tal serve de mote a uma comparação entre as árvores que ornaram o jardim do Passeio Alegre, onde o poeta viveu, e a valentia da tripulação de Ulisses: “Diante do mar desafiam os ventos / vindos do norte e do sul, do leste e do oeste” (Andrade, 2005: 468). Mais do que o combate a inimigos ou monstros míticos, Eugénio enaltece em Ulisses a capacidade de vencer as forças da natureza e de dobrar, com coragem, o cabo do esquecimento, para se guindar ao estatuto de herói.

4. “Com a baleia azul / no manso prado das águas”

O poeta e romancista Herman Melville é, na terminologia de Harold Bloom, um autor forte, isto é, influente, que marcou a obra de inúmeros escritores (Bloom, 1975: 12). Numa entrevista recolhida em *Rosto Precário* (1979), Eugénio de Andrade inclui *Moby Dick* (1851), entre os dez romances que levaria consigo numa viagem à Lua, juntamente com as odisséias gregas, prova da sua estima literária pelo autor norte-americano (Andrade, 1995: 72).

Com regista Rute Beirante, ocorre uma coincidência de vocabulário entre a obra dos dois autores: “o léxico do mar, particularmente aquele que também figura no imenso catálogo melvilliano, surge na poética de Andrade, leitor dedicado da obra de Melville, na qual colhe inspiração para a sua terminologia marítima simbólica” (Beirante, 2007: 752). Neste léxico, um barco significa frequentes vezes a casa, o corpo humano ou o poema; ao passo que ilha aponta para a solidão, por exemplo. Paralelamente, Eugénio explorou temas recorrentes nas páginas de Melville: o oceano como símbolo do amor e desejo homoerótico; a viagem de autodescoberta; a morte do marinheiro, etc.

O apreço do poeta português pelo norte-americano reflete-se, inevitavelmente nos seus versos e poemas em prosa. Eugénio invoca em quatro textos Melville e as suas personagens (o capitão Ahab ou a baleia Moby Dick do romance homónimo, e o marinheiro Billy Budd da obra póstuma do mesmo nome). Destes, o mais belo e significativo, é “Em New Bedford”, pelo que centrarei nele a minha análise:

Era em New Bedford: um barco
partia para Nantucket.
Tremo fascinado pelo deserto
branco desse nome.
Melville, Moby Dick, o mar — de súbito
tudo rompia daquelas sílabas;
um mar feliz de cachalotes coroados

por jorros de espuma,
 as núpcias do touro branco
 com a baleia azul
 no manso prado das águas,
 a misteriosa fonte da alegria,
 os saltos para o sol, o canto
 fundo, a valentia, o ardor
 entre homens e baleias. Era também
 a morte. A morte nunca é limpa.
 A morte cresce no escuro,
 propaga-se no ar, entra pelas narinas.
 Só o deserto é branco;
 a morte não; só o mar.
 (Andrade, 2005: 528-529)

Os dois versos de abertura — “Era em New Bedford: um barco / partia para Nantucket” (Andrade, 2005: 528) — remetem intertextualmente para o início do romance *Moby Dick* (1851), a mais célebre narrativa de Melville. A viagem do baleeiro *The Pequod*, dirigido pelo capitão Ahab, e narrada pelo marujo Ishmael, ecoa as grandes odisséias gregas e latinas. No entanto, contrariamente a estas, o objetivo da jornada é menos nobre e mais sinistro. Ahab, o herói ou anti-herói, deseja vingar-se, matando a baleia branca, Moby Dick, responsável pela perda da sua perna e pela destruição de vários navios. O poder deste cetáceo enorme, aparentemente invencível, ecoa o de monstros marinhos como o Leviatã, ou terrestres, como o Ciclope que Ulisses enfrenta.

O poema eugeniano oscila tensamente entre o fascínio pela vida e a onipresença da morte. O início da viagem é eufórico e representativo da sede de aventura dos marinheiros: “um mar feliz de cachalotes coroados / por jorros de espuma” (Andrade, 2005: 528-529). Estas últimas palavras implicam uma insinuação sexual, a espuma recordando o esperma e a fertilidade. Já os versos seguintes apontam para um acasalamento com ressonâncias míticas: “as núpcias do touro branco / com a baleia azul” (Andrade, 2005: 529). Os dois animais poderosos evocam a comparação tecida no romance entre a baleia e Júpiter (Beirante, 2007: 753). Este, metamorfoseado em touro resplandecente e com chifres semelhantes a duas meias luas, rapta a princesa fenícia Europa e carrega-a no dorso, através das ondas, para Creta, onde consuma o ato (Melville, 1998: 484; Bulfinch, 2008: 146). A meio do poema, o termo “morte” associado a “ardor” (Andrade, 2005: 529) insinua o clímax, e sugere uma semelhança entre a luta e um ato sexual.

No entanto, a morte também se apresenta, neste texto, com um sentido denotativo. No epílogo do romance, a obsessiva vingança volta-se contra Ahab, que morre juntamente os marinheiros, quando a baleia abalroa o navio. O capitão permanece no romance como o protótipo do herói mártir, que persegue com determinação e até ao fim, o seu objetivo.

Apenas o intrépido Ishmael sobrevive, com uma lição de vida aprendida, e uma história sinistra para contar. Nas palavras de Eugénio, “A morte cresce no escuro, / propaga-se no ar, entra pelas narinas” (Andrade, 2005: 529), um final tenso, apenas mitigado pela brancura do mar, símbolo da vitória da natureza.

5. “Ainda com o mar nos olhos e na boca”

Não só de heróis míticos vive a poesia de Eugénio de Andrade, debruçando-se igualmente sobre a gente real dos meios piscatórios portugueses, personagem coletiva, indistinta na dureza da sobrevivência quotidiana, por vezes entre as redes da vida e da morte. No livro *Os Afluentes do Silêncio* (1997), referindo-se à pintura de Augusto Gomes, artista plástico de Matosinhos, Eugénio tece um elogio que abrange simultaneamente o mestre e os pescadores:

A sua memória está cheia de imagens: pescadores que regressam da faina ainda com o mar nos olhos e na boca, saltimbancos exibindo simultaneamente graça e miséria, mulheres que ora conversam à porta ora ameaçam as vagas por lhes terem roubado tudo: os homens, os filhos, o pão — imagens de todos os dias, que já são muitos (...).
(...) não me lembro de quadro seu onde o povo não esteja de corpo inteiro, ora senhor dos gestos com que pega no seu destino ora exasperado e ameaçador diante da miséria e outras formas de morte. (Andrade, 1997: 105-106)

Neste excerto, Eugénio realça sobretudo o heroísmo da sobrevivência, tanto dos pescadores, que se debatem com as vagas para ultrapassar a miséria, como das mulheres que perderam os entes queridos. Também Gomes, em telas como *Família* (1941), *Gente do Mar* (1941) ou *Os Pescadores* (1962), evidencia, em traços largos, a vida árdua da gente do mar, que bem conhece. Os seus pincéis realçam pormenores que recorrem em diversos quadros: os músculos dos homens surgem tensos, para denotarem o esforço; as bocas enormes gritam perante o naufrágio, e mostram o desespero; as mãos erguem-se, num ato que tem tanto de fé, quanto de revolta.

Eugénio reconhece o talento do mestre no poema “Imagem e louvor de Augusto Gomes”, um exercício eufrático, onde também ele desenha, mas com palavras, o seu próprio retrato dos pescadores (Mancelos, 2010: 147-148):

Ele pinta lentamente uma luz supliciada,

porque tudo é amor e ama-se lentamente;
aqui e ali sublinha uma pálpebra, uns lábios,
e os olhos procuram o coração dos homens.

Nas suas mãos, raparigas passam despenteadas,
passa um pescador de rosto azul,
passa outra vez setembro, uma criança ainda,
e o mar irrompe de sombra em sombra,
porque tudo é amor, amor difícil, turvo,
lutando por ser diáfano em suas mãos.

.....
(Andrade, 2005: 231)

Tal como sucedera a propósito do retrato de Ulisses, o poeta não busca a matéria mais óbvia da coragem, embora não deixe de referir a luta e de sublinhar que “o mar irrompe de sombra em sombra” (Andrade, 2005: 231). O que enaltece é, ao mesmo tempo, o amor do artista pelos pescadores e destes entre si: “porque tudo é amor, amor difícil, turvo, / lutando por ser diáfano em suas mãos” (Andrade, 2005: 231). O heroísmo reside também no arriscar a vida não para a glória futura, para matar a fome da prole e enganar a miséria.

6. Chegada a bom porto

Ulisses buscava Ítaca; Ahab perseguia a baleia Moby Dick; os pescadores demandam no mar o sustento, durante a faina. E Eugénio de Andrade? Que procura ele na figura destes heróis navegantes, motivo recorrente da sua poesia? Colocaram-se-me duas hipóteses: estas personagens podem representar ou a mãe ou o pai. Como notou Carlos Mendes de Sousa, o mar simboliza o elemento maternal, extraordinariamente importante para Eugénio como pessoa e poeta (Sousa, 1992: 101). Em *As Palavras Interditas*, afirma: “É evidente que a minha mãe me chama / quando uma onda e outra onda e outra / desfaz o seu corpo contra o meu corpo” (Andrade, 2005: 67). Identifica assim o oceano com a mãe, uma associação frequente em lendas e mitos, a evocar o meio líquido onde o feto se desenvolve (Morin, 1976: 119).

No entanto, creio que as personagens masculinas, corajosas e protetoras, que Eugénio invoca representam uma figura paternal. Esta hipótese está de acordo com as características que Carl Jung atribui ao herói: “The hero symbolizes a man's unconscious self, and this manifests itself empirically as the sum total of all archetypes and therefore includes the archetype of the father and of the wise old man. To that extent the hero is his own father and his own begetter” (Jung, 1966: 333).

Eugénio quase não teve contacto com o pai, um proprietário agrícola, que só tardiamente assumiu a paternidade. Embora se possa argumentar, como faz Arnaldo Saraiva,

que na sua poesia há um ódio silencioso ou ausência do indivíduo *pai* (Saraiva, 1995: 10), tal não alastra à *figura paternal*, em sentido lato. Deste modo, Ulisses, Ahab ou outros heróis navegantes suscitam no autor simultaneamente uma admiração e ternura filiais; uma mitificação do pai; e uma homenagem de poeta descendente para poetas ascendentes — os autores das obras que refere. Porque, no oceano da intertextualidade, nenhum poeta é órfão: há inúmeras navegações possíveis, cruzam-se rotas, e Homero, Melville e Eugénio, distantes no espaço e nos séculos, encontram-se nas linhas de um poema, onde marulham vozes antigas — de novo atuais.

Bibliografia

- Andrade, Eugénio de. *À Sombra da Memória*. 1ª ed. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1993.
- . *Rosto Precário*. 6ª ed. revista e acrescentada. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1995.
- . *Os Afluentes do Silêncio*. 9ª ed. revista e acrescentada. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1997.
- . *Poesia*. 2ª ed. revista e acrescentada. Posfácio de Arnaldo Saraiva. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 2005.
- Beirante, Rute. “Nas encruzilhadas do mar: a presença de Melville na poesia de Eugénio de Andrade”. *Novos Caminhos da História e da Cultura: Actas do XXVII Encontro da APEAA*. Lisboa: APEAA e CEAP: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007: 747-754.
- Blanchot, Maurice. *The Book to Come*. Stanford: Stanford UP, 2003.
- Bulfinch, Thomas. *Mythology: The Age of Fable*. New York: BiblioBazaar, 2008.
- Campbell, Joseph. *The Hero with a Thousand Faces*. Novato, California: New World Library, 2008.
- De Vries, Jan. *Heroic Song and Heroic Legend*. Salem: Arno P, 1988.
- Harold, Bloom. *A Map of Misreading*. New York: OUP, 1975.
- Homero. *Odisseia*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Biblioteca de Editores Independentes, 2008.
- Jabouille, Victor. *Iniciação à Ciência dos Mitos*. Lisboa: Inquérito, 1986.
- Jesi, Furio. *O Mito*. Trad. de Lemos de Azevedo. Lisboa: Presença, 1977.
- Jung, Carl Gustav. *The Archetypes and the Collective Unconscious*. Trad. R. F. C. Hull. Princeton: Princeton UP, 1990.

- . *The Collected Works of C. G. Jung: Symbols of Transformation*, vol 5. Ed. Herbert Read, Michael Fordham, Gerhard Adler. London: Routledge & K. Paul, 1966.
- Lévi-Strauss, Claude. *Du Miel aux Cendres (Mythologiques II)*. Paris: Plon, 1966.
- Mancelos, [Joaquim] João de. *Mito, Literatura e Linguagem em A Ponte de Hart Crane*. Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, apresentada à Universidade de Coimbra, 1996.
- . “Pintar com Palavras: As Artes Plásticas na Poesia de Eugénio de Andrade”. *Máthesis (Revista da Universidade Católica Portuguesa, Viseu)*, n. 19 (2010): 131-153.
- Melville, Herman. *Moby Dick*. Oxford: OUP, 1998.
- Miller, James Edwin. *A Reader’s Guide to Herman Melville*. Syracuse, New York: Syracuse UP, 1998.
- Morin, Edgar. *O Homem e a Morte*. Trad. de João Guerreiro Boto. Lisboa: Publicações Europa América, 1976.
- Pereira, Maria Helena da Rocha. “O Mundo Clássico em Eugénio de Andrade”. *Ensaio sobre Eugénio de Andrade*. Coord. José da Cruz Santos. Pref. Luís Miguel Queirós. Porto: Asa, 2005. 262-272.
- Raglan, Fitzroy Richard. *The Hero: A Study in Tradition, Myth and Drama*. New York: Courier Dover Publications, 2003.
- Saraiva, Arnaldo. *Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1995.
- Sousa, Carlos Mendes de. *O Nascimento da Música: A Metáfora em Eugénio de Andrade*. Coimbra: Livraria Almedina, 1992.

Resumo

A poesia de Eugénio de Andrade convoca e homenageia protagonistas de lendas, mitos e outras narrativas ficcionais, numa atmosfera de intertextualidade endoliterária, quase sempre explícita. Embora predominem claramente figuras greco-latinas (Ulisses, Eneias, Aquiles, Hércules, Ariadne, Circe, etc.), também se encontram na sua poesia referências a elementos celebrados noutras tradições míticas e/ou literárias (o Green God celta, a sereia nórdica, Ahab, etc.).

Nesta comunicação, recorro a uma abordagem comparatista para analisar as referências tecidas exclusivamente a *heróis navegantes* na obra eugeniana. Destaco Ulisses, protagonista da *Odisseia* homérica; Ahab, o destemido capitão do romance de aventuras *Moby*

Dick, de Herman Melville; sem esquecer, como personagem coletiva, os pescadores do litoral norte português, gente anónima que Eugénio celebra.

Se “a terra dos mitos é redonda”, como argumentou Claude Lévi-Strauss, pretendendo que o enredo de certas lendas e o perfil de determinadas personagens míticas são semelhantes aos que surgem noutros tempos e lugares, que apresentam em comum heróis do mar como Ulisses e Ahab? Como concretizam estas figuras os arquétipos junguianos: herói e jornada? Que procura Eugénio na figura dos navegantes?

Alguns dos resultados esperados desta análise: a) Existe uma persistência do arquétipo do herói, tanto nos mitos registados/criados por Homero e Virgílio, como na escrita de Melville e Eugénio; b) Estes últimos autores reciclam o herói nas respetivas obras, através de influência e intertextualidade: Ahab tem sido descrito como o “Ulisses norte-americano”, enquanto Eugénio o considera um exemplo de perseverança; c) As personagens referidas constituem modelos masculinos de exploradores e lutadores; d) A viagem marítima corresponde, mítica e literariamente, ao percurso iniciático, que eleva o explorador ao estatuto de herói e, no caso de Ahab, a herói-mártir; e) Eugénio procura na figura do herói (arquétipo que engloba o sábio e o pai), a figura paternal que nunca teve.

Para escorar as minhas opiniões, recorro à obra de Eugénio de Andrade (à poesia e aos livros de apontamentos biográficos *Os Afluentes do Silêncio*, *Rosto Precário*, *À Sombra da Memória*); aos textos de Homero (*Odisseia*) e Melville (*Moby Dick*); ao trabalho de especialistas reputados na área da intertextualidade, mitologia, e teoria dos arquétipos; à investigação de estudiosos da poesia eugeniana.